

**SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO ANO LETIVO  
2014-2015  
(10 de Novembro de 2014)**

**INTERVENÇÃO**

**António Mendonça  
Presidente do Conselho de Escola**

Magnífico Reitor,  
Senhor Presidente do ISEG,  
Senhor Presidente da Associação de Estudantes,  
Caro Colega, Prof. José António Azevedo Pereira  
Ilustres Convidados,  
Caros Colegas,  
Caros Participantes nesta Sessão solene de Abertura do Ano letivo de  
2014-2015,

A Abertura Solene do ano Letivo, não obstante ser uma cerimónia que se repete a cada ano, é sempre um momento muito importante na vida da Escola.

É um momento em que a Escola se encontra consigo própria, com as suas realizações, os seus sucessos, com os seus projetos, com o seu futuro.

É também um momento em que a Escola se abre ao exterior, homenageando publicamente os seus membros que mais se distinguiram, nas diferentes áreas da sua intervenção, enquanto estudantes, enquanto docentes e investigadores, enquanto funcionários, enquanto agentes de progresso educacional, científico e cultural, enquanto fautores de desenvolvimento económico e social.

É ainda um momento em que a Escola partilha simbolicamente com a sociedade e os destinatários da sua missão, em particular, o seu saber, a sua experiência e os seus contributos para o progresso dos domínios científicos em que trabalha, através da oração de sapiência que este ano está a cargo do nosso ilustre docente e investigador, José António Azevedo Pereira, que é também um exemplo paradigmático do que tem sido a Escola ao longo dos seus 103 anos de existência e que se quer que continue a ser uma das suas marcas identitárias para o futuro: uma Escola de formação internacional, que ensina, que investiga, atenta ao País e às suas necessidades, e que é capaz de fornecer quadros ao mais alto nível de qualificação, seja para a administração do sector privado, seja para o exercício de funções aos mais altos níveis de responsabilidade da administração pública e das suas diferentes instituições.

Nesta minha primeira intervenção pública como Presidente do Conselho de Escola quero saudar todos os presentes, saudar e felicitar em especial todos aqueles cujo trabalho vai ser objeto de reconhecimento e distinção, fazer votos de que tenham os maiores sucessos nas suas vidas pessoais e profissionais, que se possam realizar plenamente, como seres humanos, como profissionais e como cidadãos, particularmente neste fase difícil da nossa vida coletiva que atravessamos.

Senhor Reitor,  
Senhor Presidente,  
Ilustres convidados,  
Caros amigos,

Tornou-se um lugar comum dizer que atravessamos uma situação difícil. Talvez mesmo, a situação mais difícil vivida pelas gerações atuais em que, pela primeira vez, na sua existência, se deparam com uma perspectiva de futuro que se apresenta sombria ou mesmo inexistente.

Como Escola de Economia e de Gestão, com a tradição de intervenção que nos marca geneticamente, com a determinação com que sempre assumimos as nossas responsabilidades, temos o dever, ético e moral, de contribuir para inverter esta situação.

Hoje celebra-se o Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento, proclamado pela UNESCO em 2001, destinado a assinalar a importância do papel que a ciência e, naturalmente, os cientistas desempenham em todas as esferas da vida social.

Há poucos dias, no entanto, uma dirigente, intrometida e arrogante, de um país que, supostamente, partilha os nossos projetos de desenvolvimento e de bem estar, dizia que temos licenciados a mais, apontando-nos como destino um lugar de inferioridade na divisão europeia do trabalho, como técnicos subalternos nas empresas, seguramente de maioria de capital, tecnologia e gestão estrangeira ou, na melhor das hipóteses, como metecos dos tempos atuais nas cidades dos países mais desenvolvidos.

Talvez pensando nesta última hipótese, quase na mesma altura destas declarações despudoradas, era possível ler num jornal económico, seguramente desejoso de contribuir para a felicidade dos jovens portugueses, que o Canadá é um lugar atrativo para a emigração desses nossos jovens, necessitando a curto prazo de mais de uma centena de milhar e licenciados em vários domínios, com remunerações quatro a cinco vezes superiores aquelas que encontrariam em Portugal, caso ingressassem no mercado de trabalho.

São duas atitudes que, se bem que aparentemente diferentes na sua postura e conteúdo, não deixam de refletir, na sua essência, a crise mais geral que afeta a sociedade portuguesa que, começando na economia, alastrou a todas as esferas da nossa vida em comum, afetando com particular intensidade o nosso

sentido de dignidade, o respeito por nós próprios, a nossa capacidade de reação e de afirmação perante os outros, particularmente quando põem em causa a nossa dignidade como país soberano, a nossa capacidade como povo, em última análise a nossa inteligência. Aliás a maneira complexada e subserviente como vivemos o período da chamada *Troika*, a maneira como elevamos simples técnicos, irresponsáveis e irresponsabilizáveis (passe uma certa redundância de expressões), à categoria de deuses redutores da nossa suposta incompetência e inferioridade, é uma manifestação clara da crise da identidade que atravessamos, da ausência de sentido estratégico de vida em comum que nos caracteriza, da incapacidade de aceitar o risco das decisões, da abdicação de liderança de que padecemos.

Podíamos ser tentados a aceitar, tendo em conta, a avalanche de opiniões negativas que nos esmaga, que no fundo eles têm razão e que somos nós que nos recusamos a ver as evidências. Mas, felizmente, outros pensam de maneira diferente, se bem que nem sempre os seus alertas cheguem até nós.

Não resisto, a trazer aqui uma manifestação insuspeita deste espírito crítico face à forma como a doença económica que afeta o mundo inteiro tem sido tratada, através de uma citação de um artigo de Peter Coy, Editor económico da *Bloomberg Businessweek*, aliás referenciado por um distinto prémio Nobel da economia e, também, Doutor *Honoris Causa* pela nossa Universidade - Paul Krugman. A tradução é da minha responsabilidade:

*“Há algum médico de serviço? A economia global está a falhar na prosperidade e os seus zeladores são desastrados. A Grécia tomou o seu remédio como prescrito e foi recompensada com uma taxa de desemprego de 26%. Portugal obedeceu às regras orçamentais; os seus cidadãos andam à procura de empregos em Angola e Moçambique porque há poucos em casa. Os alemães sentem-se anémicos não obstante o seu massivo excedente comercial. Nos Estados Unidos, o rendimento de uma família média, ajustado pela inflação é 3% inferior ao do pior ponto da recessão de 2007-2009, de acordo com o Sentier Research. Qualquer que seja a medicina que está a ser usada, ela não está a funcionar.”*

Mas podíamos ir buscar muitos outros autores, incluindo outros prémios Nobel homenageados pela nossa Universidade, como Joseph Stiglitz ou Amartya Sen, para argumentar contra a irracionalidade que domina o estado atual da gestão económica internacional.

Ou, para não ir muito longe à procura, poderíamos ir buscar as mais recentes análises do FMI sobre a necessidade de estimular a procura agregada, as ações quase desesperadas do BCE para contrariar as tendências deflacionistas na Europa, o programa de apoio à retoma mundial definido pelo G20 na cimeira de Setembro em Cairns, na Austrália, ou, até, o insuspeito novo Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, que no seu programa de ação apontou necessidade de um novo início para a Europa, com prioridade ao crescimento e ao emprego, disponibilizando de imediato 300 mil milhões de euros para apoio à

retoma do investimento público e privado, como primeiro passo de um programa mais vasto de recuperação económica.

Seria bom que conseguíssemos passar das boas intenções aos atos.

Senhor Reitor,  
Senhor Presidente do ISEG,  
Ilustres convidados,  
Caros amigos,

Julgo que esta Sessão Solene é um momento adequado para reafirmarmos nesta conjuntura, a nossa missão e o nosso sentido de responsabilidade perante o país e perante os nossos 103 anos de História.

Queremos reafirmar o nosso firme empenho em continuar a promover a “... criação, a transmissão e valorização social e económica do conhecimento e da cultura nos domínios das ciências económicas, financeiras e empresariais, num quadro de pluralidade e de garantia de liberdade intelectual e científica, de respeito pela ética e de responsabilidade social. “

Queremos reafirmar a nossa vontade de contribuir para “...o avanço da fronteira do conhecimento científico nos domínios das ciências económicas, financeiras e empresariais e áreas auxiliares e de suporte, para o desenvolvimento económico e social do país e para a sua afirmação internacional.

Queremos reafirmar o nosso compromisso para com a sociedade de continuar a formar licenciados, mestres, doutores, investigadores e outros quadros qualificados que possam contribuir decisivamente para tirar o país da crise em que se encontra e reencontrar a via do crescimento económico e do aumento do bem estar para todos.

Julgo ser importante frisar um aspeto. Nós queremos continuar a formar quadros com conhecimentos e competências que os tornem aptos a desempenhar as suas responsabilidades em Portugal ou em qualquer outra parte do mundo. Mas, se for este o caso, que o façam por vontade própria, e como forma de realização pessoal e profissional e não empurrados pela necessidade de procurar fora aquilo que não encontram no país ou pela aspiração a um futuro com esperança e oportunidades que o país não é capaz de lhes proporcionar.

Senhor Reitor,  
Senhor Presidente,  
Ilustres convidados,  
Caros amigos,

Não obstante todas as dificuldades que enfrentamos continuamos a ter sinais muito positivos de que o trabalho do ISEG continua a ter o reconhecimento social e científico que todos desejamos e para o qual todos nos empenhamos.

A nossa investigação atingiu um resultado notável que foi a passagem dos nossos três centros candidatos à segunda fase do processo de avaliação da Fundação para a Ciência e Tecnologia, abrindo-nos as melhores expectativas para o desfecho final.

Uma nossa recém doutorada ganhou o Prémio António Simões Lopes, promovido pela Ordem dos Economistas, pela *Pricewaterhouse Coopers* e pelo Diário Económico, para a melhor tese de doutoramento.

No final da semana passada tivemos a notícia de que passamos com distinção no teste de avaliação para a segunda fase do processo de acreditação internacional por parte da *Association to Advance Collegiate Schools of Business - AACSB International*.

Muitos outros sinais podiam ser referidos, mas estes foram os últimos e mais emblemáticos daquilo que temos em curso e do que nos propomos alcançar nos próximos tempos.

Como Presidente do Conselho de Escola quero reafirmar aqui, publicamente, o meu empenho em contribuir, no âmbito das competências específicas de um órgão de decisão estratégica e de fiscalização, como é o Conselho de Escola, para que um novo ciclo de desenvolvimento da Escola se inicie. Um novo ciclo em que a nossa presença na nova Universidade de Lisboa seja potenciada, em que o ensino e a investigação se afirmem como uma referência a nível nacional e internacional, em que a nossa influência social seja aprofundada; um novo ciclo aberto à internacionalização e ao aprofundamento da cooperação com os países lusófonos; um novo ciclo em que a Escola se assuma plenamente na sua condição de líder de projetos de valorização científica, cultural e de cidadania, que contribuam para vencer as dificuldades atuais e recuperar um caminho de esperança e de progresso porque todos ansiamos.

Os 103 anos da nossa História e a memória de alguns dos seus mais ilustres protagonistas - de quem eu quero recordar, neste momento, e com todo o respeito pelos demais, o Prof. Francisco Pereira de Moura, pela influência que exerceu e ainda exerce na formação da nossa melhor elite económica e o recém-falecido Prof. Jacinto Nunes, a quem eu presto a minha homenagem, pelo papel que também teve no arejamento das ideias económicas e na abertura da economia portuguesa à economia internacional - assim o exigem.

Magnífico Reitor,  
Senhor Presidente do ISEG,  
Ilustres convidados e demais participantes nesta Sessão Solene,

Estou certo de que continuaremos a ser os melhores!

Muito obrigado!